

LEGENDAGEM VERSUS DOBRAGEM NA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO NA EUROPA DE HOJE

IMPACTO SÓCIO-LINGUÍSTICO EM PORTUGAL E OUTROS PAÍSES EUROPEUS

Helena Anacleto-Matias

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

Sinopse

Nos dias de hoje, o Inglês é cada vez mais a *lingua franca* em todo o mundo. Não só os programas e os filmes nos canais que encontramos na nossa TV por cabo utilizam maioritariamente o Inglês, mas também a Internet. Mas será esse um sinal negativo para as línguas com menos expressão no mundo? Será o Português uma delas? E como é com outras línguas menos faladas no mundo do que o Português?

Esta proposta pretende aflorar o impacto que a tradução pode ter na sociedade, ou seja, qual será o efeito - se positivo ou negativo - de numas sociedades se utilizar a legendagem, e noutras a dobragem de filmes, programas e/ou notícias.

Tendo como base a nossa experiência pessoal em vários países, onde a legendagem ou, ao invés, a dobragem são uma constante, focaremos algumas teorias contrastantes. Discutiremos também hipóteses que justifiquem a preferência de cada povo ao escolher uma das técnicas e a influência que cada uma tem na sua própria sociedade.

Será também discutida a influência da televisão no quotidiano de cada povo e a técnica utilizada na Europa no mundo televisivo ligado às crianças. A que ponto um programa para crianças deve ser legendado ou antes dobrado? Será que a criança aprenderá mais facilmente uma língua estrangeira se a ouvir, tendo a possibilidade de ler as legendas na sua língua materna? Terá ela mais facilidade em aprender a ler se os programas que ela visionar forem regularmente legendados em vez de dobrados?

Ademais, convém referir nesta abordagem a importância da legendagem ou dobragem para pessoas com necessidades especiais. Será igualmente abordado o impacto da influência anglo-saxónica no dia-a-dia linguístico do indivíduo; se haverá risco para uma determinada língua começar a inter-relacionar-se com o Inglês, unicamente porque se apostou mais na dobragem do que na legendagem ou vice-versa.

1 – Introdução: Propostas de Problemática, Hipótese e Metodologia

A questão de determinadas instituições, tais como estações de televisão ou empresas de exibição cinematográficas preferirem a legendagem à dobragem de programas televisivos, bem como DVDs ou vídeos constitui a nossa principal preocupação na perspectiva deste artigo. Escolher a dobragem ou a legendagem? – Eis a questão.

Apresentaremos algumas características e alguns factores que levam à escolha de uma em detrimento da outra. A formulação da hipótese seguinte é a nossa proposta: se a legendagem é mais respeitadora do original e, portanto, mais adequada à satisfação do público-alvo, então deverá ser preferida em relação à dobragem de programas.

A metodologia que seguiremos será baseada na observação de factos em diversos países, na análise de teorias interpretativas relacionadas com a problemática e na leitura de dados relativos àqueles países.

Parece-nos importante explorar a questão da decisão da escolha da legendagem em detrimento da dobragem de programas. Deveremos ter em conta a definição teórica dos dois conceitos, a tipologia dos programas a serem difundidos e sobretudo os objectivos funcionais que visam chegar ao público-alvo.

Partamos, portanto, para uma possível definição dos conceitos “Legendagem” e “Dobragem”. Entendemos por legendagem e dobragem a seguinte definição: “As duas formas mais comuns de tradução no ecrã são *dobragem*, em que o texto falado no programa é retirado e substituído por um novo na língua do público receptor, e *legendagem*, em que a banda sonora é mantida intacta, mas em que um texto com a tradução do diálogo em forma condensada aparece na base inferior do ecrã.” (Broddason, 2006: 2)

Seguindo a Convenção de Berna, o Decreto-Lei número 15/99, de 15 de Janeiro de 1999, aprova a intervenção do Estado nas actividades cinematográfica, áudiovisual e multimédia, nos aspectos relacionados com as atribuições

específicas do Ministério da Cultura, advogando que é obrigatória a legendagem ou dobragem em português de filmes destinados à exploração comercial falados originalmente noutras línguas; excluem-se do disposto no número anterior os filmes destinados exclusivamente à projecção em salas de cinema especializadas na exibição de filmes estrangeiros na língua original. Além disso, as legendas, a locução e o diálogo dos filmes e videogramas publicitários deverão ser, obrigatoriamente, em língua portuguesa, sem prejuízo de se poder admitir a utilização excepcional de palavras ou de expressões em língua estrangeira, quando necessárias à obtenção do efeito visado na concepção do anúncio.

Portanto, vamos mais à frente defender que, se a legendagem respeita em todos os sentidos muito mais o original do que a dobragem, então é extremamente importante nos dias de hoje que a tecnologia nos possibilite escolher num DVD entre seleccionar a dobragem ou a legendagem no visionamento de qualquer filme, programa ou documentário ou até ambas as técnicas juntas, também para pessoas com necessidades auditivas especiais.

2 – As Línguas Francas e a Necessidade de Tradução

A língua inglesa não é, por definição ou por qualquer inerência linguística a mais adequada a ser a língua franca do presente; seja por motivos políticos, históricos, sociológicos ou de outra ordem, o facto é que a língua franca da economia da actualidade é indubitavelmente o Inglês, já para não falar na importância e utilização maioritária desta língua no mundo das novas tecnologias de informação.

Mas é sabido que o Português também é uma das línguas mais faladas no Mundo, se tivermos em conta o número de falantes nativos. Em termos de língua materna, o Português é uma língua falada na totalidade dos continentes, mas “No entanto, na prática geoestratégica, não tem conseguido adquirir a visibilidade de outras línguas como é o caso da inglesa ou da espanhola.” (Filipe, 2004)

Ademais, não podemos deixar de pensar que, embora os Estados Unidos da América do Norte estejam a ultrapassar uma recessão económica, continuam a influenciar culturalmente o mundo globalizado. Aí as duas línguas mais faladas são precisamente aquelas que Filipe definiu como as que mais visibilidade detêm no mundo de hoje – o Inglês e o Castelhana, embora esta última não seja oficial nos EUA. No entanto, não podemos esquecer que dos países da América Latina, que se distribuem desde a América do Norte até à do Sul, passando pela central, apenas o Brasil não fala o Castelhana e é curioso notar que o idioma castelhana aparece de igual forma espalhado pelos quatro cantos do mundo tal como o Português.

O certo é que não foram estas duas línguas latinas que conseguiram impor-se no mundo globalizado de hoje, mas sim o Inglês. Não só os programas e os filmes nos canais que encontramos na nossa TV por cabo utilizam sobretudo o Inglês, mas a produção cinematográfica de *Hollywood* e *Bollywood* são em Inglês. Daí que as necessidades pedagógicas no ensino das línguas vivas, nomeadamente do Inglês sejam cada vez mais sofisticadas e imperativas, como por exemplo nos meios áudiovisuais – todos os produtos legendados constituem-se, indubitavelmente, num significativo apoio didáctico à aprendizagem da língua original daquele produto, neste caso da língua inglesa.

Mas será esse um sinal negativo para as línguas com menos expressão no mundo? Parece-nos que não; pelo contrário, a legendagem ajuda à preservação e emancipação de línguas nacionais, até minoritárias que se vêem projectadas nos países em que os produtos são difundidos.

Pensamos que é muito mais importante cada estado ou nação tentar defender a sua língua, principalmente as minoritárias, para que estas não desapareçam, pois parece-nos que não é o facto de um produto estrangeiro ser legendado que vá influenciar ou pelo menos fazer desaparecer uma língua, independentemente do número diminuto de falantes que tenha. Deve haver incentivos para a preservação dessas línguas minoritárias, como é o caso do Mirandês em Portugal, e à produção áudiovisual, à publicação de literatura assim como à aprendizagem nas escolas dessas línguas.

Na Bélgica, por exemplo, onde coexistem pelo menos três línguas nacionais oficiais – Alemão (3%), Francês (40%) e Neerlandês (57%) – há sempre o cuidado de manter a língua alemã como língua viva, apesar de haver uma percentagem pequena de falantes nativos. Durante a nossa pesquisa na Internet, encontrámos um blogue que discutia precisamente o facto de as regiões francófona e alemã não apostarem mais na legendagem, como forma de compreenderem e aprenderem melhor a língua mais falada na Bélgica, o Neerlandês. A região Flamenga, também devido à influência dos Países Baixos, aposta sobretudo na técnica da legendagem, pelo que os nativos desta região têm mais facilidade em aprender outras línguas estrangeiras.

Por todas estas razões, podemos afirmar que a tradução serve como ponte transcultural entre as línguas de partida e a de chegada. Não só os tradutores são agentes transculturais, como os produtos finais do seu trabalho se tornam documentos fundamentais para a comunicação e a preservação das línguas, bem como a sua difusão.

3 – Legendagem e Dobragem – Oposição ou Complementaridade?

A tabela abaixo pretende aflorar o impacto que a tradução pode ter na sociedade e qual será o efeito da adopção da técnica de legendagem ou dobragem nas diferentes sociedades, principalmente no caso de programas, notícias, filmes, documentários, entre outros.

Quanto à problemática da preferência da dobragem versus legendagem, gostaríamos de apresentar um quadro contrastivo das características de ambos os tipos de tradução. Segundo Fátima Dias, que se expressou em Inglês, as principais características são as seguintes (Dias, 2006: 2 – nossa tradução do Inglês):

DOBRAGEM	LEGENDAGEM
Caro	Barato
Perde-se o diálogo original	Respeita a integridade do diálogo original
Mais demorado	Relativamente rápido
Finge ser um produto nacional	Promove a aprendizagem de línguas estrangeiras
Dobrar as vozes dos actores pode ser repetitivo	Qualidade das vozes originais dos actores
É bom para os maus leitores	Adequado aos surdos / Ajuda os imigrantes
Respeita a imagem do original	Polui a imagem
Fornece mais informação original	Requer maior redução de informação original
Permite sobreposição de diálogos	Não permite sobreposição de diálogos
O espectador pode centrar-se nas imagens	Dispersão de atenção: imagem e texto escrito
O espectador pode seguir o sentido, mesmo se estiver distraído da visão	O espectador perde o sentido se distraído
Exigências de sincronização labial	Limitado pelo tempo e pelo espaço
Apenas um código linguístico	Dois códigos linguísticos diferentes simultaneamente podem desorientar
Permite maior ilusão cinematográfica	Pode desviar a atenção da ilusão cinematográfica

Quanto à tabela acima apresentada, oferece-nos tecer os seguintes comentários em favor da técnica da legendagem:

a) A legendagem é mais barata e requer menos mão-de-obra relativamente à dobragem;

b) Na legendagem o original é respeitado integralmente, ao passo que na dobragem o diálogo acaba por sofrer interferências, não só devido ao registo linguístico, mas também na voz do original, influenciando igualmente a velocidade no diálogo, que acaba por ser mais rápido na primeira técnica;

c) A legendagem incentiva à leitura e ajuda, tanto os surdos como os imigrantes e também os estudantes de uma língua estrangeira a compreenderem o conteúdo da mensagem e a aprenderem mais rapidamente a língua que esteja a ser utilizada naquela técnica.

d) A legendagem não permite a sobreposição de diálogos, mas deixa que ouçamos o som do original, sendo mais elucidativo;

e) Por último, a questão da manutenção do original favorece o ouvinte na aprendizagem de línguas estrangeiras, ajudando-o a encontrar o equivalente na sua língua materna através da legendagem.

Cabe-nos concluir que a legendagem é em geral mais positiva do que a dobragem, pois acaba por favorecer a leitura, fornece a possibilidade de aprendizagem àqueles que estão a aprender uma qualquer língua estrangeira e dá a hipótese aos surdos de poderem desfrutar integralmente do visionamento de um filme, programa ou documentário. Aliás, hoje em dia já existe a preocupação de qualquer emissão televisiva dispor e disponibilizar a legendagem especializada no teletexto de qualquer televisor mais sofisticado.

E, embora não seja tanto uma razão assinalável, mas quem pode ver um determinado filme legendado, acaba por não perturbar o vizinho, amigo ou familiar, porque o televisor pode estar num volume mais baixo, já que a interpretação das imagens pode ser feita recorrendo à leitura da imagem e da legenda. Podemos também focar o facto de um programa estar a ser exibido num local barulhento e ainda assim, com as legendas, qualquer telespectador conseguir acompanhar e captar a informação.

Quando em 2000 tivemos uma visita de uma amiga nossa das Ilhas Canárias e tivemos por acaso a oportunidade de ver um filme em que um dos actores principais era o Eddy Murphy, ainda nos recordamos da forma espantada em que exclamou: “finalmente posso conhecer a voz original deste actor”. Ora, mesmo sabendo que nessa altura já havia DVDs com a possibilidade de ver filmes na versão original e com legendas ou optar pela versão dobrada em Castelhana, pois em Espanha qualquer filme estrangeiro tem sempre essas duas opções, conseguimos aperceber que a influência e a cultura enraizada da dobragem na sociedade espanhola acaba por escolher maioritariamente a versão dobrada na sua língua materna. Além disso, para um português comum é estranhíssimo não conhecer uma voz tão peculiar como a daquele actor ou outro qualquer que possua tiques e expressões tão próprias que acabamos por usar no nosso dia-a-dia, não só entre amigos, como também na escola ou até mesmo em publicidade. O mesmo nunca se passaria na Islândia: “Para um Islandês, a ideia de uma estrela de cinema inglesa ou norte-americana, ou uma personagem da televisão expressar-se em Islandês num ecrã, pareceria absurda.” (Brodason, 2006: 5)

No entanto, talvez a preferência pela dobragem aconteça mais entre os nacionais dos países onde se pratica a dobragem do que propriamente quanto aqueles além-fronteiras. Trabalhamos diariamente com espanhóis, por exemplo, e constatamos que estes, talvez devido ao facto de se terem desabituaado do processo da dobragem adoptado na Espanha e por normalmente terem acesso directo a emissões com recurso à legendagem na Bélgica, acabam por preferir a versão original com legendas em relação à dobrada, principalmente quando vão ao cinema. O mesmo acontece com os emigrantes alemães, italianos ou até franceses com quem trabalhamos, mesmo que estes últimos tenham acesso mais rápido à versão dobrada por se encontrarem ao lado da Alemanha ou da França e as televisões belgas francófonas apostarem na dobragem por excelência, pois também se torna mais barato.

A verdade é que a dobragem não adultera unicamente a sincronização labial entre a imagem e o discurso ouvido. Como o receptor está a falar numa língua diferente daquela que está a ser ouvida, utiliza uma linguagem corporal e gestual em consonância com a sua cultura linguística. Portanto, não basta apenas dominar na perfeição a técnica da dobragem; se o autor dos textos traduzidos os transformou em diálogos devidamente adaptados e se o actor que os vai interpretar conseguir na perfeição sincronizar a sua própria voz com a do actor na imagem então o resultado sairá perfeito. O certo é que isso muito dificilmente acontece e mesmo assim os gestos e a mímica associados à língua de chegada normalmente não está presente na imagem do filme de partida, pelo que a dobragem nunca poderá ser ideal.

Obviamente que em ambos os casos se recorre à arte de bem traduzir, mas ao aplicar a legendagem ou a dobragem, cada técnica acaba por exigir diferentes métodos e o impacto para o público-alvo é indubitavelmente diferente. Temos conhecimento que nalguns países a dobragem é feita com muito profissionalismo e perfeição, como é o caso do Brasil ou até mesmo da Alemanha, mas há variadíssimos programas que sofrem pelo facto de muitas dobragens serem feitas por qualquer pessoa, sem o mínimo de formação na arte de representar e/ou profissionalismo, pelo que adultera e quebra a qualidade desse programa. Muitas vezes estamos a assistir a um filme e reparamos que as vozes não são consentâneas com o movimento labial dos actores, o que torna a qualidade da dobragem do filme medíocre.

Lembramo-nos que antigamente, mesmo não sendo fãs de telenovelas, houve uma fase na televisão portuguesa em que se apostava na importação de séries televisivas provenientes de países da América Latina, exceptuando obviamente o Brasil, em que a dobragem dessas séries era feitas para Português, com uma qualidade mínima e com

desrespeito pelos diálogos do original. Obviamente que tiveram pouco sucesso entre o comum dos telespectadores, não só pela insuficiente qualidade, como também pela confusão que fazia ao telespectador ouvir vozes em Português do Brasil e ver os lábios dos actores articularem em Castelhana e não em simultâneo.

“Considerando que a dobragem é mais de dez vezes mais cara do que a legendagem, é óbvio que a televisão Galesa é vista como um bem essencial na preservação da língua falada e implicitamente no sentido de identidade nacional”. (Broddason, 2006: 2) Praticase de facto esta técnica de dobragem no País de Gales, que se sente “uma Nação sem Estado”, porque ajuda a manter a língua Galesa, a sua identidade cultural e a sua personalidade nacional.

Como análise conclusiva à tabela acima apresentada, podemos afirmar que os indivíduos que nasceram e foram habituados a assistir a programas com recurso à técnica da dobragem, em geral preferem-na em relação à legendagem e vice-versa. Temos como exemplos da primeira técnica, a França, a Alemanha, a Itália e a Espanha, enquanto que outras nações, tais como os países nórdicos, as relativamente recentes repúblicas da ex-Jugoslávia, a Flandres na Bélgica, os Países Baixos, a Grécia, Portugal e Israel preferem a legendagem.

No que toca particularmente ao caso da Polónia, é ainda mais gritante esta questão da dobragem versus legendagem, pois naquele país ainda nos dias de hoje se pratica uma técnica completamente desactualizada: independentemente do programa estrangeiro que esteja a ser exibido, há apenas e sempre uma única voz para traduzir todos os actores e os seus diálogos e esta voz-off é sobreposta à banda sonora original que se continua a ouvir ao fundo. Esta situação é inaceitável e provoca no telespectador um cansaço mental extremo e muita confusão.

Os habitantes das nações mais economicamente poderosas da Europa ocidental justificam normalmente a sua preferência pela dobragem única e exclusivamente pelos dois últimos factores apresentados no fundo da tabela, ou seja, porque se estiverem a ver algo legendado não conseguem ler rapidamente e ver a imagem em simultâneo; além disso alegam que acabam por se distrair, pura e simplesmente porque estão a ouvir uma língua estrangeira e a ler na sua própria língua.

Ora, esta última razão é aquela que precisamente os linguistas defendem como mais importante para o desenvolvimento da literacia na língua materna e para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Talvez por essa razão, por exemplo, um Português normalmente consiga compreender um cidadão espanhol e um espanhol tenha verdadeiras dificuldades em entender um cidadão português.

4 – Os Media Audiovisuais:

4.1 – Na educação e cidadania

Está estatisticamente provado que o espectador Português é um dos que, dentro da União Europeia, mais horas passa em frente ao televisor (só a Itália fica atrás) e que o efeito deste meio de comunicação no quotidiano social de cada cidadão é avassalador. As opiniões são formadas a partir dos programas de televisão e a guerra das audiências, juntamente com os patrocínios e publicidade ditam as características dos programas difundidos no horário nobre. Estas necessidades crescem à responsabilidade civil e de cidadania que os meios de comunicação social desempenham entre as populações locais, as comunidades civis e a sociedade em geral.

Os jornais, livros e a imprensa escrita deixaram de ter o impacto que dantes havia, potencialmente devido às características técnicas de difusão não terem tido a dimensão que hoje têm. Hoje em dia também os blogues, os sítios personalizados na Internet e os *self-media* têm vindo a substituir a imprensa escrita na sua importância na formação de opinião.

Tendo em conta que os cidadãos lêem cada vez menos livros, jornais ou revistas, é imperioso apostar cada vez mais na legendagem e na utilização de vocábulos de origem portuguesa para a divulgação e a promoção da nossa língua. Contrariamente, a dobragem acaba por não incentivar a população mais jovem à leitura nem à aprendizagem da língua de Camões, nem de qualquer outra língua através da legendagem. A dobragem pode ser um veículo de comunicação tal como a legendagem, mas acaba por tornar o visionamento dos programas televisivos mais passivo quanto ao esforço intelectual, não obrigando a pessoa a processar a informação de uma maneira crítica e educativa. Além disso, o telespectador acaba por não poder aprender a descodificar a leitura implícita numa legenda ou lançar-se na interpretação de dados e na opinião crítica de como se escreve ou não uma palavra ou uma expressão.

Nos últimos anos tem havido uma discussão acesa sobre a questão da tradução de versões estrangeiras na República Checa. Mesmo não sendo um país multilíngue, como são a Bélgica, o Luxemburgo ou a Suíça, os checos estão a optar

sobretudo pela legendagem nos cinemas, embora se levantem vozes a favor da dobragem. David Horacek afirma “a dobragem é uma solução comercial indispensável e para atrair um público mais numeroso, é preciso difundir em checo”. (Horacek, 2004) Horacek continua afirmando que na Hungria, a título de comparação, onde há 10 milhões de habitantes como na República Checa, a dobragem leva muito mais pessoas ao cinema na Hungria.

No entanto, segundo Martin Malik, responsável pela distribuição de filmes da Warner Bros no mercado Checo, “só faz sentido dobrar os filmes para um público mais familiar e não haverá interesse em fazê-lo a nível geral, pois é muito mais caro e não seria rentável.” Foi devido a este facto que a Warner Bros, depois de receber várias mensagens electrónicas contra, decidiu anular a dobragem da trilogia “O Senhor dos Anéis”.

Concluindo, Horacek volta a defender que a dobragem seria apenas 20 a 30% mais cara do que a legendagem e que esses custos seriam compensados com o aumento de público checo nas salas de cinema, excluindo apenas os estrangeiros que deixariam de ir, pois os checos já estão habituados a ver toda a programação estrangeira dobrada na televisão. Por este motivo os checos vão pouco ao cinema, já que não conseguem acompanhar o filme e ler as legendas em simultâneo.

Estes argumentos afiguram-se nos falaciosos, pois nada garante que o público aumentasse significativamente nas salas de cinema, no caso checo ou noutra qualquer, caso se passasse a dobrar os filmes no cinema. Há quem vá ao cinema precisamente porque pode assistir à versão original, como acontece em Bruxelas onde a legendagem no cinema é bilingue (Francês e Neerlandês) e ao mesmo tempo praticar a aprendizagem da língua estrangeira original do filme. As versões dobradas em Bruxelas são exclusivas dos públicos infantis e normalmente têm menos público nas salas do que nos originais legendados.

Ademais, parece-nos que a versão de Horacek seria muito negativa na sociedade portuguesa, pois a presença de estrangeiros em Portugal de língua materna diferente da nossa é bastante numerosa e importante para a nossa economia. Seria negativo para a comunidade estrangeira em Portugal, e pensamos em todos os países, principalmente a imigrante e a estudantil, não poder ter acesso à língua oficial escrita nos meios áudio-visuais do país onde residem. Desta maneira, têm mais facilidade em aprender a escrever a língua de Camões, integrando-se melhor na comunidade de acolhimento, apesar de manter as suas especificidades da sua identidade cultural. A dobragem mostra-se portanto desadequada e inútil para esta comunidade, pois já tem acesso diariamente aos programas em língua portuguesa falada, seja através dos noticiários, programas de entretenimento, de debate, de reportagem, telenovelas, entre outros.

Com a adopção da técnica de legendagem por parte dos meios de comunicação, as pessoas desenvolvem as suas capacidades de cidadania, ao instruir-se e educar-se numa perspectiva multicultural respeitadora de outrem. Criando cidadãos mais aptos, estes tornam-se mais críticos quanto ao sistema no qual estão inseridos. Frequentemente ouve-se falar que este ou aquele vocábulo foi mal escrito ou mal traduzido. Não só quem aprende línguas estrangeiras, mas também o senso comum acha-se no direito de criticar: “Poucas especificidades de nossa profissão são tão comentadas e, muitas vezes, tão difamadas e criticadas como a tradução de filmes tanto para dublagem como para legendagem. Todo mundo tem uma historinha para contar de um erro ou outro que já viu em um filme (...)” (Soares, 2006)

4.2 – Na Instrução Precoce

A legendagem tem sido criticada como inadequada para os públicos mais jovens, principalmente na primeira infância. Se atentarmos nas opiniões citadas no fórum belga recente (2007) “Eendracht maakt macht... L’union fait la force”, os belgas que aí intervêm mostram-se a favor de, pelo menos, se legendarem as notícias de cada telejornal das duas principais regiões linguísticas (Flamenga e Valã) para haver um maior contacto cultural entre as mesmas e se aprender mais facilmente as línguas tão distintas uma da outra pelos telespectadores.

Atendendo às razões até agora expostas, convém referir que as atitudes que não promovem o ensino precoce da população telespectadora, nomeadamente as crianças na primeira e segunda infâncias são contra-producentes; as crianças são obrigadas a aprender a outra língua oficial do seu país de origem, pelo menos nos casos Belga, Finlandês, Luxemburguês e Suíço.

Se bem que concordemos que para crianças com idades inferiores a 5, 6 anos, seja mais cómodo ter acesso aos seus programas favoritos na sua língua materna, pois desenvolve o seu vocabulário, a sua capacidade de comunicação e compreensão, bem como descodificação e codificação de mensagens, julgamos que o visionamento acompanhado por adultos deverá ser a regra geral para a importância na legendagem sobre a dobragem. Numa palavra inequívoca, julgamos que a dobragem deverá ser reservada para públicos especiais, nomeadamente para públicos com necessidades visuais especiais, tais como cegos e amblíopes, ou pessoas idosas já com dificuldades na leitura rápida e à distância do aparelho televisivo.

Quando em Portugal nos anos 50 se deu o aparecimento das primeiras televisões ainda a preto-e-branco, discutiu-se intensamente a problemática da aplicação da técnica de dobragem versus legendagem, tendo-se optado consensualmente pela legendagem, sobretudo devido aos custos financeiros que uma equipa de profissionais implicaria se se escolhesse a dobragem.

Na nossa opinião, se essa foi a principal razão da escolha, damos os parabéns àqueles que assim decidiram naquela época, embora não defendamos que esse seja o motivo mais relevante. Não só se mantém e respeita o trabalho original, como se obriga o público telespectador a aumentar a velocidade na leitura, a desenvolver a sua literacia e a compreender a contextualização cultural dos programas na língua original. Não obstante, pensamos que a seguinte opinião é radical demais: "(...) De facto, dobragens só para mentecaptos. Não há dúvida e não tem a ver com questões de habituação ou costumes. É mau, é errado, é de gente intelectualmente reduzida, cujo cérebro não consegue ou não quer processar dois eixos de informação: o que está a ver no filme e as legendas (...)". (Ribeiro, 2005)

Ainda nos recordamos que em crianças pedíamos aos nossos Pais ou até aos Avós que nos lessem as legendas para melhor compreendermos aquilo que estávamos a ver. Por vezes critica-se a televisão como causadora de afastamento entre as gerações; mas neste caso havia proximidade. Talvez o facto de hoje em dia as pessoas terem menos tempo seja um factor para que o visionamento acompanhado por adultos não aconteça tão frequentemente. No entanto, é comum ver os Pais a acompanharem os seus filhos ao cinema infantil – normalmente decidem levá-los a ver a versão dobrada e a original é preterida para os horários mais tardios, pois os adultos preferem-na.

Num país como Portugal não se poderia ter escolhido melhor técnica do que a da legendagem, pois incentiva a criança a desenvolver aquilo que aprende na escola, além de aperfeiçoar a velocidade de leitura e acima de tudo influencia psicologicamente a criança a querer aprender a ler e a escrever na sua língua materna. Infelizmente, Portugal continua a ser um dos países europeus onde há maior iliteracia funcional, já para não falar no analfabetismo, especialmente nos meios rurais e entre as populações mais idosas.

Tendo em conta a nossa experiência pessoal em vários países onde a legendagem ou, ao invés, a dobragem são uma constante, podemos afirmar que um alemão tem muito mais dificuldade em aprender uma língua estrangeira do que um holandês, pois no primeiro caso a técnica da dobragem é utilizada desmedidamente, ao passo que nos Países Baixos, o povo holandês pode sempre visionar qualquer filme, programa ou documentário na língua original com recurso a legendas em Neerlandês.

Por curiosidade, podemos pensar que, de certa forma, a democracia também teve alguma influência na escolha de ambas as técnicas em vários países da Europa. Enquanto os países nórdicos e a Holanda optaram nos anos 30 pela legendagem, países como a Alemanha, Espanha e Itália optaram pela dobragem. Koolstra referiu que os líderes destes três últimos países optaram pela dobragem, pois era um subterfúgio para a censura que permitia que as opiniões e ideias vindas do estrangeiro pudessem ser controladas e eram assim filtradas antes de chegar ao seu povo. (Koolstra et al. 2002: 330)

Ora, atentando à questão da facilidade em aprender línguas, temos como caso mais flagrante a Bélgica dos dias de hoje. Os habitantes da parte norte da Bélgica, que geograficamente é definida como Flandres e que falam uma variante dialectal do Neerlandês (língua oficial), o Flamengo, conseguem muito mais facilmente aprender uma língua estrangeira do que os habitantes da parte sul, geograficamente definida como Valónia, em que a sua língua materna é o Francês e em que os seus canais apostam na dobragem, devido também à influência do país a sul, a França, que recorre igualmente àquela. Isto torna-os menos aptos para a aprendizagem de outra língua estrangeira e a nível pedagógico, os Belgas do sul têm mais insucesso escolar do que os seus homólogos do norte neste campo.

Mas isto não acontece apenas no caso francófono; sabendo que a influência anglo-saxónica é uma realidade no mundo globalizado de hoje e que, como resultado, os programas, documentários e filmes são maioritariamente realizados em língua inglesa, até mesmo em países que a língua oficial não é o Inglês, os países Nórdicos e do Norte da Europa têm muito mais facilidade em aprender esta língua do que os países latinos do sul da Europa em que a técnica da dobragem é utilizada a 100%, pelo menos nos canais televisivos daqueles países, com excepção de Portugal. Pensamos que foi uma das decisões mais acertadas de Portugal aquando do aparecimento da televisão no nosso país, não só no contexto sócio-cultural, como também na aprendizagem de qualquer disciplina a nível escolar.

Por essa razão, por exemplo, Portugal está à frente de muitos países ditos mais intelectualmente desenvolvidos no que toca à aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como França, Alemanha ou até mesmo Espanha ou Itália. Não só estes países se encontram na cauda da Europa em termos de aprendizagem de línguas estrangeiras, tendo apenas atrás o Reino Unido ou a Irlanda, em que a língua oficial principal é o Inglês, como a sua pronúncia é marcadamente acentuada por uma influência das suas línguas maternas, por obviamente não terem contacto com essa determinada língua estrangeira mesmo no seu dia-a-dia extra-escolar.

Como curiosidade, gostaríamos de salientar que os Gregos, embora possuam igualmente uma pronúncia marcadamente grega, começam a aprender o Inglês em tenra idade e tornam-se mais proficientes, pelo que hoje em dia, tem-se bastante facilidade em encontrar nas ruas de Atenas um Grego que fale o Inglês. De notar que a legendagem é a técnica utilizada maioritariamente no seu país.

No espaço Europeu existem dois países multilingues em que as crianças aprendem muito mais facilmente várias línguas, já que estas têm acesso à programação televisiva dos vários canais em diversas línguas oficiais desses mesmos países. Estamos a falar da Suíça ou do Luxemburgo, onde existem quatro e três línguas oficiais, respectivamente. Acontece que muitas crianças, mesmo na ausência dos seus pais, e porque normalmente acordam antes dos mesmos, se colocam à frente da televisão e começam a visionar vários desenhos animados, escolhendo aqueles que eles mais gostam independentemente da língua que estejam a escutar. Assim, as crianças começam a ter contacto com diversas línguas diferentes e com palavras básicas que vão retendo e utilizando mesmo no seu quotidiano. Ademais, estes países possuem uma política multilinguística em que uma determinada criança estuda não somente na sua língua materna, como também começa em tenra idade a lidar com uma segunda ou até mesmo terceira língua.

No Luxemburgo, por exemplo, as crianças desde o início da sua vida escolar têm algumas disciplinas em língua Francesa, outras em Alemão e outras numa terceira língua, a Luxemburguesa. O Inglês aparece dois anos mais tarde como quarta língua.

No entanto, há algo paradoxal entre estes dois países que utilizam habitualmente a dobragem em vez da legendagem e que são bons linguistas, e outros que, embora utilizem a legendagem são igualmente bons na aprendizagem de línguas estrangeiras. Defendemos que apenas isto é possível porque as crianças são obrigadas desde sempre a estudar em mais que uma língua, ao passo que nos casos dos países do Norte da Europa, Nórdicos inclusive, uma segunda língua estrangeira começa num estádio escolar mais tardio, mas possuem o contacto desde a sua infância até à idade adulta em várias línguas estrangeiras, já que recorrem à legendagem.

“É indubitável que ler legendas é benéfico para a compreensão das línguas estrangeiras, tanto para as crianças como para os adultos”. (Broddason, 2006: 2) Concordamos com esta afirmação e podemos acrescentar que este processo de legendagem pode até mesmo auxiliar um aprendente a entender o que está a ouvir na sua língua materna lendo-a ao mesmo tempo que a ouve. Os CDs e DVDs disponibilizam nos dias de hoje essa opção.

Não podemos esquecer que as camadas juvenis europeias dominam as tecnologias actuais e praticam o envio de mensagens escritas por telemóvel com abreviaturas e letras de outros alfabetos, pelo que a leitura das legendas se torna cada vez mais necessária para o conhecimento da ortografia correcta e a defesa da sua língua materna.

De facto, não podemos deixar de comentar que o Inglês, estando presente nestas tecnologias de ponta e particularmente na Internet, acabe por influenciar também a utilização de termos anglo-saxónicos na língua materna de cada povo, o que não é propriamente negativo, na nossa opinião, mas é notoriamente um motor da globalização. Não obstante, todos sabemos que a riqueza de uma língua também passa pelos seus estrangeirismos e neologismos que muitas vezes podem ser ou não adaptados à língua materna.

Os franceses são uma referência nesta questão, pois tentam sempre adaptar os termos novos, normalmente de origem anglo-saxónica, à sua língua materna, mas os italianos, principalmente nos termos ligados à informática mantêm as palavras estrangeiras. Pensamos que esta última questão não está relacionada com o facto de se escolher a legendagem ou, contrariamente, a dobragem, pois estes dois últimos países usam sempre a técnica da dobragem.

5 – Legendagem/Dobragem e os Cidadãos com Necessidades Especiais

Gostaríamos agora de referir quanto à problemática tradutiva a importância da legendagem ou dobragem para pessoas com necessidades especiais. A legendagem é tanto mais importante para as pessoas com dificuldades auditivas porquanto muitos dos sons descritos nas legendas referem-se a ruídos que não se passam na cena vista naquele preciso momento. Também devemos fazer a distinção entre televisão digital e analógica; nesta última existe a possibilidade de usar o sistema de teletexto, o que permite, ou pelo menos facilita, o acesso à legendagem dum filme, dum documentário ou noticiário.

Por outro lado, no sistema digital, a televisão não conta com o teletexto, pois as legendas são emitidas automaticamente. Além disso, este sistema não existe em todos os países europeus, para já, o que mostra que o teletexto e a legendagem são apoios necessários e úteis ao visionamento de programas televisivos para pessoas com necessidades auditivas especiais e não só.

Gostaríamos de acrescentar que a história do cinema excluiu durante 80 anos as pessoas com necessidades auditivas especiais, marginalizando-as enquanto público cinéfilo potencial. Hoje em dia até um musical ou mesmo uma peça de teatro podem, e devem, ser legendadas na língua nacional, para uma melhor compreensão do que se passa durante a acção e fora de cena.

Ainda nos recordamos que há dois anos assistimos em Bruxelas a um musical que tinha legendas bilingues, ou seja, o original era interpretado em Inglês e as legendas eram apresentadas em Francês e Neerlandês: duas das três línguas oficiais da Bélgica. Provavelmente esta técnica foi especialmente adoptada e aplicada devido ao facto de ser numa língua estrangeira, mas só o facto destas pessoas com necessidades específicas poderem assistir e compreender o espectáculo é um facto louvável.

Pensamos que isto ainda não acontece em grande escala no teatro em Portugal, mas a televisão portuguesa começou a apostar na legendagem de noticiários com recurso a um sistema de reconhecimento automático de fala que transcreve para texto o áudio produzido nos telejornais, ou seja, transforma sons em palavras e em números escritos. Este sistema pretende cumprir com o serviço público a fim de promover o maior acesso destes cidadãos à informação.

Obviamente que a legendagem é desadequada nos casos de necessidades visuais especiais. Para o caso dos cegos e dos amblíopes, é claro que uma dobragem de um programa é muito mais apropriada. No entanto, e mediante a nossa experiência enquanto voluntários junto desta população, notamos que a dobragem deverá ser muito mais do que a substituição de um código por outro. Na realidade, deve haver uma descrição da imagem, que não está claramente a ser vista, tratando-se portanto não só de uma dobragem tal como a conhecemos, mas uma tradução adaptada àquelas necessidades específicas, sendo intralinguística e transcodificada, isto é, passa-se do símbolo visual para o auditivo. Não podemos deixar de lamentar que os serviços públicos de televisão ainda não tenham disponíveis estas ferramentas, que acabariam por ser uma variante tradutiva à legendagem que já existe, principalmente através do teletexto.

6 – Conclusão

Tendo em conta todas as premissas supracitadas, podemos concluir veementemente que a legendagem tem qualidades superiores à dobragem, tanto a nível do respeito pela obra original, como pelos custos, como pelas capacidades instrutivas que desenvolve nos aprendentes, jovens e adultos em geral, no que respeita à língua materna, como a línguas estrangeiras que queiram e venham a aprender. O objecto de partida, o objecto de chegada, o método da técnica, o propósito e o processo da legendagem é mais positivo que a dobragem em toda a sua dimensão.

Desta forma, o processo da legendagem contribui favoravelmente para a co-existência das várias línguas mundiais e para a prática do multilinguismo, bem como o multiculturalismo e o respeito pelos costumes do próximo e do distante, numa perspectiva de tolerância e promoção da diferença. Num mundo globalizado como o nosso é nos dias de hoje e numa Europa unida cada vez mais, o papel da legendagem é incalculável na solidificação da democracia e na promoção das minorias e da preservação de qualquer língua.

Finalmente, gostaríamos de acrescentar que a cidadania se constrói com recurso à responsabilização dos indivíduos na sua inserção no sistema em que vivem. Os cidadãos devem ser críticos quanto à sua posição pessoal, individual e colectiva no conjunto em que são inseridos, com vista em melhorar o sistema, nas suas falhas mais visíveis de injustiça social.

Concluamos que a legendagem é geralmente positiva e a dobragem não tanto, pois aquela favorece a leitura, fornece a possibilidade de aprendizagem àqueles que estão a aprender a sua língua ou a praticar uma outra. Por todas estes motivos, afirmamos que a tradução é e será sempre uma ponte transcultural entre línguas e culturas.

Num país como Portugal é, ainda bem que se optou prioritariamente pela legendagem, pois também incute nas crianças a vontade de aprender sempre, tendo em vista o aperfeiçoamento da sua literacia para que possamos continuar a promover a língua portuguesa como uma das línguas mais faladas e mais geoestrategicamente importantes no mundo.

Bibliografia e Outras Fontes Consultadas:

Broddason, Thorbjörn, “*The Instructional Value of Subtitles*”, Reikiavique, Islândia, 2006

Destak, fonte Lusa, edição de 18 de Março de 2008

Diário de Notícias, Edição em Papel de 7 de Março de 2008, acedido em 20 de Março de 2008, in http://dn.sapo.pt/2008/03/07/media/rtp_lanca_legendagem_para_surdos_dir.html

Dias, Fátima, “*Special Features – Some Basics on Audiovisual Translation*”, The British Council, 2006.

Filipe, Vera Lúcia, <http://www.diario-online.com/noticia.php?refnoticia=34796>, acedido em 20 de Março de 2008.

Horacek, David, “*Radiopraha*”, 2004, in <http://www.radio.cz/en/article/56333>, acedido na versão francesa <http://essecrive.com/cinema/histoires-du-cinema/les-arts-du-cinema/doublage-et-sous-titrage.htm> em 20 de Março de 2008.

Malik, Martin, “*Radiopraha*”, 2004, in <http://www.radio.cz/en/article/56333>, acedido na versão francesa <http://essecrive.com/cinema/histoires-du-cinema/les-arts-du-cinema/doublage-et-sous-titrage.htm> em 20 de Março de 2008.

Ribeiro, Ricardo, fórum

<http://foruns.dvdmania.co.pt/viewtopic.php?t=19133&start=0&sid=9e27e802fafbccbf26aae5d53a19026>, acedido em 20 de Março de 2008.

Soares, Danielle, sítio Ideias www.abrates.com.br in <http://wsl.cemed.ua.pt/blogs/36472/>, acedido em 20 de Março de 2008.